

Andréia de Melo Mendonça

Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira
andrea.melom@gmail.com

Nathanael de Souza Maciel

Universidade Estadual do Ceará
nathanael.souza.inf@gmail.com

Valdenia de Melo Mendonça

Prefeitura Municipal de Guaramiranga (CE)
melo_valdenia@yahoo.com.br

Naara Ingrid da Silva Sales

Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira
naarayngridjesus@gmail.com

Antônio Wendel Nogueira Oliveira

Universidade Federal de São Carlos
wendeloliveira9636@yahoo.com.br

Anne Fayma Lopes Chaves

Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira
annefayma@unilab.edu.br

Leilane Barbosa de Sousa

Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira
leilane@unilab.edu.br

PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS POR UNIVERSITÁRIAS PARA AFECÇÕES GINECOLÓGICAS

RESUMO

Objetivo: Caracterizar o uso de plantas medicinais para afecções ginecológicas por universitárias. **Método:** Trata-se de estudo transversal realizado com 81 universitárias, no período de janeiro a novembro de 2021. A coleta de dados foi realizada por meio da rede social WhatsApp®, sendo enviado um questionário semiestruturado no *Google Forms*, abordando dados sociodemográficos e questões sobre o uso de plantas medicinais para afecções ginecológicas. A amostragem ocorreu por meio de rede de referência e conveniência. Os dados foram processados no *software* Jamovi®. **Resultados:** Verificou-se que 39,41% relatam utilizar plantas medicinais para afecções ginecológicas, sendo citado entre 72,84% que o conhecimento foi adquirido através de familiares. Identificou-se associação estatística entre o uso de plantas medicinais para o tratamento de afecções ginecológicas e ocupação ($p=0,042$), estado civil ($p=0,017$) e ter filhos ($p=0,028$). A *Schinus terebinthifolius* Raddi (Aroeira) foi a planta mais citada (48,76%) pelas universitárias. Outras plantas citadas mais de uma vez foram: quebra pedra, maconha, babosa e goiabeira. Como afecções tratadas, foram citadas inflamação uterina, infecção, corrimento e odor vaginal, prurido, candidíase, vaginose bacteriana, cicatrizante pós-parto e regulação do ciclo menstrual. **Conclusão:** O uso de plantas medicinais é frequente entre as universitárias, sendo necessário que os profissionais de saúde se apropriem dessa temática para prestar melhor assistência sobre essa utilização.

Palavras-chave: Plantas Mediciniais. Doenças dos Genitais Femininos. Estudantes. Universidades. Enfermagem.

MEDICINAL PLANTS USED BY UNIVERSITY STUDENTS FOR GYNECOLOGICAL DISEASES

ABSTRACT

Objective: To characterize the use of medicinal plants for gynecological disorders by university students. **Method:** This is a cross-sectional study carried out with 81 university students, from January to November 2021. Data collection was carried out through the WhatsApp® social network, with a semi-structured questionnaire being sent on Google Forms, addressing sociodemographic data and questions on the use of medicinal plants for gynecological conditions. Sampling took place through a reference and convenience network. Data were processed using Jamovi® software. **Results:** It was found that 39.41% reported using medicinal plants for gynecological conditions, with 72.84% citing that knowledge was acquired through family members. A statistical association was identified between the use of medicinal plants for the treatment of gynecological conditions and occupation ($p=0.042$), marital status ($p=0.017$) and having children ($p=0.028$). *Schinus terebinthifolius* Raddi (Aroeira) was

the most mentioned plant (48.76%) by university students. Other plants mentioned more than once were: 'quebra pedra', 'maconha', aloe vera e 'goiabeira'. As conditions treated, uterine inflammation, infection, discharge and vaginal odor, itching, candidiasis, bacterial vaginosis, postpartum healing and regulation of the menstrual cycle were mentioned. Conclusion: The use of medicinal plants is common among university students, and health professionals need to take ownership of this theme to provide better assistance on this use..

Key words: Medicinal plants. Diseases of the Female Genitals. Students. Universities. Nursing.

1. INTRODUÇÃO

O ingresso na universidade é uma vivência que costuma ocasionar alterações comportamentais nos jovens, pois é um período em que adquirem maior liberdade e autonomia, levando, muitas vezes, ao início da vida sexual, tornando-os mais vulneráveis às afecções ginecológicas (SPINDOLA et al., 2019).

As afecções ginecológicas se tratam de alterações ou modificações que acometem o sistema reprodutor feminino, sendo de ordem hormonal ou infecciosa, podendo ocasionar quadro patológico. Entre as principais afecções ginecológicas de origem hormonal, cita-se a amenorreia, os sangramentos uterinos e os sintomas pré-menstruais, como cólicas, alterações no humor, cefaleia, retenção de líquido, dentre outros. Já entre as de origem infecciosa, destacam-se as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), cervicites e as vulvovaginites (BRASIL, 2016a).

No sistema de saúde convencional, público ou privado, o tratamento das afecções ginecológicas ocorre, essencialmente, através do uso de fármacos e/ou procedimentos cirúrgicos (BRASIL, 2016B). Todavia, ressalta-se que as práticas integrativas e complementares também podem ser aplicadas no tratamento dessas

patologias. Nesse contexto, o uso de plantas medicinais destaca-se por contemplar diversas vantagens, como a ampla aceitação em diversas culturas, o fácil acesso e o baixo custo (OLIVEIRA; 2018).

No Brasil, o uso de plantas medicinais está amparado pela Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (BRASIL, 2016) e pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (BRASIL, 2012). Ambas foram elaboradas em consideração ao grande número de pessoas que utilizam plantas medicinais, seja por opção ou por falta de acesso ao sistema convencional de saúde. Além disso, essas duas políticas preveem a garantia do acesso seguro e o uso racional de plantas medicinais, na perspectiva do uso sustentável da biodiversidade e da integralidade da atenção à saúde.

Em serviços de atenção primária, o enfermeiro é o profissional diretamente responsável pela realização das consultas ginecológicas. Nesse cenário, é comum que esse profissional se depare com pacientes que preferem recorrer a tratamentos naturais ou que optem por este tipo de tratamento por alguma restrição a medicamentos, o que demonstra a importância do estudo de plantas medicinais utilizadas para afecções ginecológicas. Com isso,

o enfermeiro deve estar preparado para atender pacientes de forma integral, respeitando a cultura na qual a paciente está inserida e, inclusive, promovendo o uso de plantas (SZERWIESKI et al., 2017).

A identificação de plantas medicinais com efeitos empiricamente comprovados poderá contribuir na descoberta de compostos bioativos para a assistência de enfermagem ginecológica. Destaca-se, então, a riqueza da herança cultural sobre plantas medicinais repassada entre as gerações, o que tornam pertinentes as informações acerca das terapias integrativas e complementares, muitas vezes acumuladas durante séculos, mesmo em se tratando de constituintes químicos ainda desconhecidos para a comunidade científica (RODRIGUES, 2016).

O conhecimento acerca das plantas medicinais utilizadas poderá proporcionar a valorização de práticas e saberes tradicionais em saúde, principalmente no universo da enfermagem ginecológica, ramo diretamente relacionado com questões de cunho íntimo e cultural, para os quais, muitas vezes, a medicina convencional apresenta limitações. Portanto, a presente pesquisa objetivou caracterizar o uso de plantas medicinais para afecções ginecológicas por universitárias.

2. MÉTODO

Trata-se de um estudo transversal, analítico e descritivo, com abordagem quantitativa, desenvolvido no período de janeiro a novembro de 2021 na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), localizada nos municípios de Redenção e Acarape, no Estado do Ceará.

A população foi composta por universitárias de graduação e pós-graduação brasileiras, sendo incluídas na pesquisa mulheres com idade igual ou superior a 18 anos. Foram excluídas as que preencheram o instrumento de coleta de dados de forma incompleta ou inadequada. A amostra foi constituída por 81 mulheres. A composição da amostra ocorreu por meio de amostragem por rede de referência e conveniência, com as universitárias que demonstraram interesse em participar no período da coleta. Houve exclusão de duas participantes que responderam ao questionário de forma inadequada, impossibilitando o processamento desses dados.

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário adaptado de Freitas *et al.* (2016). Inicialmente, criou-se um Gmail exclusivo para a pesquisa, para a utilização do Google Forms®, ferramenta gratuita e online do Google, que permite a criação de questionário por meio do Google Drive®.

Posteriormente, após a adequação do questionário, foi realizada sua inclusão na plataforma do Google. O questionário foi dividido em quatro seções: a primeira, contendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); a segunda, abordando os dados sociodemográficos (idade, data de nascimento, escolaridade, curso, estado civil, cor/ etnia, filhos, ocupação, renda, a que/ quem recorre em caso de doença); a terceira, com dados acerca do uso de plantas medicinais (utilização das plantas medicinais, crença no poder curativo das plantas medicinais, fonte do conhecimento acerca de plantas medicinais, utilização no tratamento de afecções ginecológicas); e a quarta, com perguntas referente a utilização e aplicação de

plantas medicinais utilizadas para afecções ginecológicas (plantas utilizadas, formas de obtenção, enfermidade tratadas com o uso dessas plantas, parte das plantas utilizada, modo de preparo, duração do tratamento, êxito com o tratamento, efeitos colaterais e associações).

A coleta de dados foi realizada por meio de convite disponibilizado via rede social WhatsApp®. As estudantes foram contactadas através de mensagem padrão no aplicativo, que continha o objetivo da pesquisa, critérios de inclusão, benefícios do estudo, link do formulário e contato para casos de dúvidas em seu preenchimento. Solicitou-se, inicialmente, que a equipe de pesquisa divulgasse em seus grupos com estudantes de turmas dos variados cursos da universidade, gerando assim, uma rede de referência.

Os dados, ao serem enviados pelas respondentes, foram salvos automaticamente em uma tabela do Excel gerada pela plataforma na qual o questionário foi criado. Os dados foram organizados em planilha eletrônica do Google Sheets® e processados com o auxílio do *software* Jamovi®.

Na análise descritiva, foram usadas as frequências relativas e absolutas, média e mediana como medida de tendência central e desvio padrão como medida de dispersão. Para análise dos dados categóricos, foram utilizados o Teste do qui-quadrado de Pearson e Teste exato de Fisher. O Teste V de Cramer foi empregado para mensurar a força de associação entre as variáveis. Para análise de variáveis discretas, utilizou-se o Teste de Kolmogorov-Smirnov para verificar normalidade dos dados e o Teste de Mann-Whitney para comparação de médias. Foram considerados estatisticamente

significantes os valores $p < 0,05$. Os resultados foram apresentados em forma de tabelas e quadro.

Foram respeitados os princípios éticos da pesquisa científica com seres humanos, com garantia de autonomia dos sujeitos, não maleficência e beneficência da pesquisa, sendo a pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNILAB sob parecer de número 4.726.587 e CAAE número 31931120.8.0000.5576.

3. RESULTADOS

A amostra foi constituída por 81 mulheres com idade que variou de 19 a 40 anos, com média de 23,99 (DP: 4,61). A Tabela 1 detalha o perfil das participantes do estudo no que concerne às variáveis sociodemográficas.

Acerca do uso de plantas medicinais para tratamento/prevenção de afecções ginecológicas, 39,41% (n=32) relataram ter utilizado. Quanto à obtenção de informações acerca das plantas medicinais, 72,84% (n=59) das mulheres responderam que o conhecimento é adquirido por meio de familiares (pais, avós, tios). Os profissionais da saúde não foram citados por nenhuma das mulheres.

Em relação às formas de obtenção da planta, a maioria das participantes que relatou utilizar plantas medicinais para afecções ginecológicas afirmou conseguir com a família (28,21%; n=11). Outras coletavam diretamente do mato, sem necessariamente cultivar (23,08%; n= 9), compravam (23,08%; n=9), obtinham através de cultivo próprio (15,38%; n=6) e conseguiam por meio de vizinhos/amigos (10,26%; n=4).

Tabela 1 – Características sociodemográficas das mulheres participantes da pesquisa. Redenção - CE, 2022.

Variáveis Sociodemográficas	Participantes (n=81)	%	IC95%
Escolaridade			
Graduação	76	93,83	86,18 – 97,97
Pós-graduação	5	6,17	2,03 – 13,82
Curso			
Administração Pública	3	3,70	0,77 – 10,44
Agronomia	6	7,41	2,77 – 15,43
Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades	4	4,94	1,36 – 12,16
Ciências Biológicas	11	13,58	6,98 – 23,00
Enfermagem	49	60,49	49,01 – 71,19
Farmácia	2	2,47	0,30 – 8,64
Letras - Língua Portuguesa	2	2,47	0,30 – 8,64
Mestrado Acadêmico em Enfermagem	2	2,47	0,30 – 8,64
Pedagogia	1	1,23	0,00 – 6,68
Química	1	1,23	0,00 – 6,68
Cor/etnia			
Amarela	1	1,23	0,00 - 6,69
Branca	14	17,28	9,78 - 27,30
Indígena	4	4,94	1,36 - 12,16
Negra	8	9,88	4,36 – 18,54
Parda	54	66,67	55,32 – 76,76
Estado civil			
Casada/União Estável	17	20,99	12,73 – 31,46
Solteira	64	79,01	68,54 – 87,27
Filhos			
Não	68	83,95	74,12 – 91,17
Sim	13	16,05	8,83 – 25,88
Ocupação			
Estuda (exclusivamente)	56	69,14	57,89 – 78,93
Trabalha e Estuda	25	30,86	21,07 – 42,11
Renda Familiar			
Até 1 salário	35	43,21	32,24 – 54,69
2 – 3 salários	32	39,51	28,81 – 50,99
4 – 5 salários	9	11,11	5,21 – 20,05
Não informado	5	6,17	2,03 – 13,82

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao serem questionadas sobre o porquê da utilização para afecções ginecológicas, responderam que fazem o uso para amenizar os sintomas das doenças ginecológicas, porque acreditam no poder da cura das plantas medicinais e apontaram o fácil acesso e baixo custo como motivo. Quanto a confiar no seu

poder curativo, 97,53% (n=79) responderam que sim.

A Tabela 2 apresenta fatores associados ao uso de plantas medicinais para o tratamento de afecções ginecológicas entre as mulheres participantes da pesquisa.

Tabela 2 – Fatores associados ao uso de plantas medicinais para o tratamento de afecções ginecológicas. Redenção, CE, 2022. (n=81).

VARIÁVEIS	Uso de Plantas medicinais para afecções ginecológicas		Estatística [p-valor]	V de Cramer
	NÃO [%]	SIM [%]		
Escolaridade				
Graduação	47 [61,84]	29 [38,16]	0,379 ^a	0,108
Pós-graduação	2 [40,00]	3 [60,00]		
Ocupação				
Estuda (exclusivamente)	38 [67,86]	18 [32,14]	0,042^b	0,225
Estuda e trabalha	11 [44,00]	14 [56,00]		
Estado Civil				
Solteira	43 [67,19]	21 [32,81]	0,017^b	0,266
Casada	6 [35,29]	11 [64,71]		
Filhos				
Não	45 [66,18]	23 [33,82]	0,028^a	0,266
Sim	4 [30,77]	9 [69,23]		
Curso da saúde				
Não	14 [56,00]	11 [44,00]	0,598 ^b	0,060
Sim	33 [62,26]	20 [37,74]		
Renda familiar				
Até 1 salário mínimo	20 [57,14]	15 [42,86]	0,577 ^a	0,064
> 1 salário mínimo	26 [63,41]	15 [36,59]		

Fonte: Dados da pesquisa.

Legenda: ^aTeste Exato de Fisher; ^bTeste Qui-quadrado de Pearson.

A tabela 2 demonstra uma associação significativa entre ocupação ($p=0,042$), estado civil ($p=0,017$) e ter filhos ($p=0,028$) com o uso de plantas medicinais para o tratamento de afecções ginecológicas as participantes. Não foi identificada diferença estatisticamente significativa entre as médias de idades das mulheres que usam plantas medicinais e as que não usaram ($p=0,079$).

No quadro 1 foram destacadas as plantas utilizadas e suas respectivas indicações, parte utilizada e forma de preparo. Salienta-se que houve participantes que citaram mais de uma planta por resposta.

Dentre as plantas citadas, a Aroeira (*Schinus terebinthifolius* Raddi) destacou-se com 48,76% de utilização em relação às outras plantas, sendo mencionada 19 vezes pelas mulheres que relataram utilizar plantas medicinais no tratamento/prevenção de afecções ginecológicas. Foram citadas como afecções tratadas com o uso dessa planta, inflamação uterina, infecção urinária, corrimento e odor vaginal, prurido, candidíase, vaginose bacteriana, cicatrizante pós-parto e regulação do ciclo menstrual. Além da Aroeira, outras plantas citadas foram: quebra pedra, maconha, babosa e goiabeira. As demais foram citadas apenas por uma respondente.

Nome popular/ Nome científico	n ^a	Afeções tratadas	Parte usada	Forma de preparo
Aroeira/ <i>Schinus terebinthifolius</i> Raddi	19	Inflamação uterina; Infecção; Corrimento vaginal; Prurido; Odor vaginal; Candidíase; Cicatrização pós parto; Vaginose bacteriana; Amenorreia/Regular ciclo menstrual	Caule/casca; Raiz; Folha	Chá; Garrafada; Molho; Decocção (cozimento)
Quebra pedra/ <i>Phyllanthus niruri</i> L.	2	Infecção urinária	Raiz	Chá
Maconha/ <i>Cannabis sativa</i>	2	Cólica menstrual; Síndrome do ovário micro policístico; Contraceptivo	Flor	Chá, Inalação
Babosa/ <i>Aloe vera</i>	2	Infecção urinária; Inflamação	Folha	Garrafada
Arruda/ <i>Ruta graveolens</i>	1	Cólica menstrual	Folha	Chá
Gonsalavo/ <i>Astronium fraxinifolium</i> Schot	1	Inflamação no colo do útero (raladura)	Caule/casca	Garrafada
Ameixa/ <i>Ximenia americana</i> L.	1	Inflamação	Caule/casca	Molho
Graviola/ <i>Annona muricata</i> L.	1	Inflamação	Folha	Sumo
Canela/ <i>Cinnamomum verum</i>	1	Candidíase	Folha	Decocção (cozimento)
Goiabeira/ <i>Psidium guajava</i> L.	2	Prurido, Infecção; Candidíase; Corrimento vaginal; Cólica.	Folha	Chá, Decocção (cozimento)
Camomila/ <i>Matricaria chamomilla</i>	1	Candidíase	Folha	Chá
Malvarisco/ <i>Plectranthus amboinicus</i> L.	1	Corrimento vaginal	Folha	Garrafada
Vasourinha/ <i>Scoparia dulcis</i> L.	1	Infecção urinária	Raiz	Chá
Mastruz/ <i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	1	Corrimento vaginal; Candidíase, Cistite	Folha	Trituração
Alho/ <i>Allium sativum</i>	1	Candidíase	Fruto	Alho inteiro
Bredo/ <i>Amaranthus viridis</i> L.	1	Cólica menstrual	Caule/casca	Chá, Garrafada
Gengibre/ <i>Zingiber officinale</i>	1	Inflamação; Endometriose	Caule/casca	Chá

Fonte: Dados da pesquisa.

^aNúmero de vezes que a planta foi citada

No que diz respeito à parte mais utilizada das plantas, notou-se o uso do caule/ casca (54,05%; n=20) e das folhas (27,03%; n=10) com maior frequência em relação ao total das que foram citadas.

As associações com outras plantas mencionadas, conforme o número de plantas citadas, foram 17,94% (n=7), sendo elas: aroeira e ameixa; aroeira e chá de canela; arruda e hortelã; ameixa com pau-d'arco-roxo; malvarisco com chanana e fedegoso; goiabeira com maconha e aroeira; maconha com babosa, eucalipto e

hortelã. O restante das plantas citadas (82,05%; n= 32), não são utilizadas com associações.

4. DISCUSSÃO

Acerca da utilização de plantas medicinais para tratamento/prevenção de afeções ginecológicas, evidenciou-se que grande parte das universitárias já utilizaram, sendo relatado que o conhecimento dessa terapia foi adquirido por meio de familiares. Pesquisa que teve como objetivo avaliar o conhecimento sobre plantas medicinais utilizadas por mulheres em processo de envelhecimento atendidas nas

unidades de Estratégias Saúde da Família (ESF), também evidenciou que o conhecimento sobre o uso das plantas medicinais foi repassado por familiares (SCHIAVO et al., 2017). Outra pesquisa desenvolvida na cidade de Colombo, em Curitiba, Paraná, constatou que o uso de plantas medicinais, não tem sido indicado, na maioria das vezes, por um profissional qualificado, mas sim, por meio do conhecimento empírico passado de geração em geração pelos familiares (OLIVEIRA; MEZZOMO; MORAES, 2018).

No que concerne à confiança e poder curativo das plantas medicinais, a maioria afirmou confiar na eficácia, pelo fato de já terem comprovado seus efeitos na prática, como também pela crença de família repassada por meio de gerações. Em uma pesquisa realizada no Norte do Brasil, acerca do desenvolvimento histórico do uso das plantas medicinais na visão de mulheres idosas, constataram que, ao serem questionadas em relação a crença no poder curativo das plantas, as mesmas referiram confiar, com as justificativas de já terem sido curadas através das mesmas e pela crença no conhecimento hereditário (SANTANA et al., 2018).

Evidenciou-se associação significativa entre ocupação, estado civil e o fato de ter filhos com a utilização de plantas medicinais para afecções ginecológicas. Universitárias que também trabalham, geralmente o fazem quando têm filhos e precisam auxiliar o marido na renda familiar, o que justificaria a relação entre ter filhos e ter ocupação. Isso também se relaciona com as transformações na organização das estruturas familiares, visto que as mulheres vêm desempenhando uma força crescente no

provimento do orçamento familiar (CAVENAGHI ; ALVES, 2018).

No que concerne ao estado civil, constatou-se que entre as mulheres casadas, a maioria utilizam plantas medicinais, o que sugere que as respondentes têm vida sexual ativa, podendo estar mais susceptíveis às afecções ginecológicas. Este resultado é semelhante ao realizado com mulheres atendidas no âmbito da atenção primária, onde mais da metade utilizavam plantas medicinais para enfermidades eram casadas (SCHIAVO et al., 2017), sendo uma realidade nas comunidades devendo ser incentivada sua utilização.

Não foi identificada diferença significativa entre as médias das idades das mulheres que usam plantas medicinais e as que não usam. No entanto, a idade mais avançada está associada a maior utilização de plantas medicinais (PATRICIO et al., 2022). Assim, é fundamental que seja incentivado essa prática entre mulheres mais jovens, visando reduzir a medicalização.

No que concerne às plantas medicinais utilizadas pelas universitárias, houve predominância da *Schinus terebinthifolius Raddi*, (Aroeira). A mesma pertence à família das *Anacardiaceae* e sua aplicação biológica é conhecida há muitos anos, sendo utilizada na medicina popular como antiinflamatório, analgésico, antipirético e como agente depurativo (PEREIRA et al., 2021).

Além disso, essa planta tem sido utilizada no tratamento de IST, infecções do trato urinário, inflamação uterina, úlceras de pele e distúrbios gastroduodenais. Estudos farmacológicos com extratos oriundos de folhas de aroeira relataram ainda, propriedades

antialérgicas, antimicrobianas, antioxidantes e cicatrizante (PEREIRA *et al.*, 2021). Todas as partes da planta são utilizadas com a finalidade comercial, em razão de suas propriedades medicinais, fitoquímicas e alimentícias (SANTOS *et al.*, 2019).

A *Phyllanthus niruri* L., conhecida popularmente como quebra pedra, apresentou indicações populares no tratamento de infecção urinária pelas universitárias. Na análise fitoquímica essa planta apresenta ótimos resultados no tratamento em pacientes com cálculo renal (NABAS *et al.* 2015; FERREIRA *et al.*, 2016).

A maconha (*Cannabis sativa* L.) foi indicada para alívio de cólicas menstruais pelas discentes. Na literatura, relata-se que a mesma atua no alívio de dores e espasmos musculares. Apesar de o uso terapêutico da planta ser limitado por seu consumo ser ilegal, relata-se que a planta ainda possui ação terapêutica (MEDEIROS *et al.*, 2020). Desse modo, sugere-se que mais estudos sejam realizados com o intuito de analisar a relação desta planta com as afecções ginecológicas.

Aloe vera, também conhecida como babosa, foi citada mais de uma vez pelas discentes. Suas indicações citadas na literatura são o estímulo aos processos metabólicos, cicatriciais e antiinflamatórios (PARENTE *et al.*, 2013). Pesquisa que envolveu 333 indivíduos, de 36 famílias no Piauí, também apontou a espécie *Aloe vera* com maior número de utilização (14%), estando relacionado a indicação em casos de dores no estômago e fígado e cicatrizante de ferimentos (CRUZ *et al.*, 2017).

Quanto a Goiabeira (*Psidium guajava* L.), a literatura aponta que a mesma pode ser

utilizada com atividade antimicrobiana (AGUIAR *et al.*, 2018) e antifúngica (BRAGA, 2016). Devido a essas propriedades, a mesma é capaz de atuar diretamente em afecções específicas citadas pelas universitárias, como a candidíase, que é causada por fungo.

No que diz respeito à parte das plantas mais utilizadas, notou-se o uso do caule/casca e das folhas com maior predomínio, assim como em estudos desenvolvidos nas regiões Norte e Nordeste, onde as folhas foram as mais citadas pela maioria dos participantes (ARAÚJO; LIMA, 2019; CRUZ *et al.*, 2017). Destacou-se o uso da planta na forma de chá, assim como estudo que avaliou o consumo de plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil (BRAGA, 2021).

Por fim, percebe-se que o uso das plantas medicinais ainda é uma realidade entre as universitárias interrogadas, sendo um achado que corrobora com pesquisa realizada no Pará, onde foi visto que os alunos do espaço rural (56%) afirmaram que a primeira escolha de tratamento são as plantas medicinais, em contraposição aos alunos da zona urbana (43%), os quais preferem o tratamento com fármacos convencionais. Acredita-se que esses achados também estão relacionados a contexto em que os serviços de saúde carecem de mais atenção e qualificação (BARBOZA *et al.*, 2020).

No presente estudo, a indicação de plantas medicinais por profissionais de saúde não foi citado por nenhuma participante. Contudo, a utilização das plantas medicinais, quando possível, deve ser acompanhada por profissionais que sejam capazes de transmitir orientações pertinentes para os usuários, pois o seu uso

realizado de maneira empírica e a falta de informação pode gerar complicações (SANTANA *et al.*, 2018). No entanto, é visto uma lacuna no conhecimento dos profissionais de saúde sobre o uso de plantas para fins medicinais, déficit que vem desde a formação desses profissionais, e acaba prejudicando o incentivo e a divulgação dessa prática com a população (PATRICIO *et al.*, 2022).

Neste contexto, é primordial que os profissionais que atuam na atenção primária à saúde, especialmente os de enfermagem, que atuam diretamente na consulta ginecológica, estejam qualificados quanto ao uso de plantas medicinais e fitoterápicos, compreendendo sobre suas indicações e contraindicações, interações, toxicidades e normas sanitárias para o uso seguro (NUNES *et al.*, 2021).

A realização de capacitações com os profissionais de saúde sobre “Plantas Medicinais e Fitoterapia” é capaz de impactar positivamente na aceitação e na aplicação da fitoterapia na prática clínica dos profissionais, podendo também aumentar o conhecimento sobre os riscos da fitoterapia (HORIGUCHI, 2020). No entanto, é fato que é necessário a revisão dos currículos para que deem suporte sobre essa temática, com vistas à promoção da saúde e a integralidade do cuidado (BADKE, 2017).

5. CONCLUSÃO

A prática do uso de plantas medicinais para afecções ginecológicas é frequente entre as universitárias. A aroeira se destacou como a planta com potencial terapêutico mais utilizada por este público para diversas afecções, seguida da quebra pedra, maconha, babosa e goiabeira.

Evidenciou-se que o conhecimento adquirido pelas respondentes não foi através dos profissionais de saúde, podendo trazer complicações na utilização desse produto, bem como reflete a importância da capacitação e incentivo dos profissionais para essa prática.

Aponta-se, como limitações, o reduzido tamanho amostral e o baixo poder estatístico. Nesse caso, sugere-se que novos estudos sejam realizados com amostra maior, a fim de aumentar o poder dos testes e, assim, possibilitar uma melhor tomada de decisões.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, A. L. R.; DODOU, H. V.; SALES, G. W. P.; RODRIGUES, M. L.; BANDEIRA, M. A. M.; NOGUEIRA, N. A. P. Atividade antimicrobiana do extrato de *Psidium guajava* L. (goiabeira) e sinergismo com antimicrobianos convencionais. **Revista Cubana de Plantas Medicinales**, v. 24, n. 1, 9 nov. 2018.

ARAÚJO, M. S.; LIMA, M. M. O. O uso de plantas medicinais para fins terapêuticos: os conhecimentos etnobotânicos de alunos de escolas pública e privada em Floriano, Piauí, Brasil. **Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemáticas**, v. 15, n. 33, p. 235–250, 30 jun. 2019.

BADKE, M.R.; HEISLER, E.V.; CEOLIN, S.; ANDRADE, A.; BUDÓ, M.L.D.; HECK, R. M. Nursing students knowledge on use of medicinal plants as supplementary therapy. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 9, n. 2, p. 459–465, 2017.

BARBOZA, A. C.; AMADOR, M. S. M.; GOMES, P. W. P.; BRITO, J. S.; MIRANDA, T. G.; MARTINS-JUNIOR, A. S.; PONTES, A. N.; TAVARES-MARTINS, A. C. C. Percepção dos alunos a respeito do uso de plantas medicinais em escolas públicas de Salvaterra. **Biota Amazônia**, v. 10, n. 1, p. 24–30, 20 abr. 2020.

- BRAGA, J. C. B.; SILVA, L. R. Consumption of medicinal plants and herbal medicines in Brazil: consumer profile and its relationship with the COVID-19 pandemic. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 4, n. 1, 2021.
- BRAGA, M. F. B. M. Composição química e avaliação da atividade antifúngica de extratos de *Psidium guajava* L. (Goiabeira) e *Psidium brownianum* mart. ex dc. (Araçá de veado) sobre espécies de *Candida*. 2016. Tese (Doutorado em Etnobiologia e Conservação da Natureza) Universidade Federal Rural de Pernambuco, Crato, PE, 2016.
- BRASIL. Departamento de Atenção Básica. **Práticas integrativas e complementares: plantas medicinais e fitoterapia na Atenção Básica**. Brasília: MS/SAS/ DABMS, 2012a.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Ginecologia (Protocolos de encaminhamento da atenção básica para a atenção especializada)**, Brasília: UFRGS, 4ed. 2016a.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Protocolos da Atenção Básica: Saúde das Mulheres**. Instituto Brasília: MS/ Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa, 2016b.
- BRASIL. **Política e Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2016c.
- CAVENAGHI, S.; ALVES, J. E. D. **Mulheres chefes de família no Brasil: avanços e desafios**. Rio de Janeiro: ENS-CPES, 2018.
- CRUZ, V.; GONÇALVES, A.; CAMPOS, J.; REIS, A. Aspectos socioeconômicos e o cultivo de plantas medicinais em quintais agroflorestais urbanos (qaf) no município de Breu Branco, Pará, Brasil. **Enciclopédia Biosfera**, v. 14, n. 25, p. 158–170, 20 jun. 2017.
- FERREIRA, L. B.; RODRIGUES, M. O.; COSTA, J. M. Etnobotânica das plantas medicinais cultivadas nos quintais do bairro de Algodal em Abaetetuba/PA. **Revista Fitos**, v.10, n.3, p.220-372, 2016.
- FREITAS, A. O. **Conhecimento de mulheres sobre plantas medicinais utilizadas para tratamento de problemas ginecológicos**. 2016. 19f. TCC (Graduação) - Curso de Enfermagem, Instituto de Ciências da Saúde, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, Acarape, 2016.
- HARAGUCHI, L. M. M.; SAÑUDO, A.; RODRIGUES, E.; CERVIGNI, H.; CARLINI, E. L. de A. Impacto da Capacitação de Profissionais da Rede Pública de Saúde de São Paulo na Prática da Fitoterapia. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 44, 30 mar. 2020.
- MEDEIROS, F. C.; SOARES, P. B.; JESUS, R. A.; TEIXEIRA, D. G.; ALEXANDRE, M. M.; SABEC, G. Z. Medicinal use of *Cannabis sativa* (Cannabaceae) as an alternative in the treatment of epilepsy. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 6, p. 41510–41523, 28 jun. 2020.
- NABAS, J. M. A. B. B. *et al.* Quebra-Pedra (*Phyllanthus niruri* L): Considerações no Tratamento da Litíase Renal. **Rev. Conexão Eletrônica**, v. 12, n. 1, 2015.
- NUNES, N. C.; VERDE, N. L. A. P.; MOREIRA, L. S.; CRUZ, M. J. F. C.; CAMARGO, M. S.; ALVES, H. G.; SOUZA, A. L. T. de. Uso de plantas medicinais entre universitários no Vale do Ribeira. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 11, p. e460101118784–e460101118784, 8 set. 2021.
- OLIVEIRA, T. L.; NERI, G. F.; OLIVEIRA, V. J. S.; BRITO, N. M. Utilização de plantas medicinais por idosos em três bairros do município de Conceição do Almeida - BA. **Journal of Biology & Pharmacy and Agricultural Management**, v. 14, n. 2, 2018.
- OLIVEIRA, V.; MEZZOMO, T.; MORAES, E. Conhecimento e uso de plantas medicinais por usuários de unidades básicas de saúde na região de Colombo, PR. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 22, p. 57–64, 6 mar. 2018.

PARENTE, L. M. L.; CARNEIRO, L. M.; TRESVENZOL, L. M. F.; GARDIN, N. E. Aloe vera: características botânicas, fitoquímicas e terapêuticas. **Arte Méd Ampl**, v. 33, n. 4, p. 160-4, 2013.

PATRÍCIO, K. P.; MINATO, A. C. dos S.; BROLIO, A. F.; LOPES, M. A.; BARROS, G. R. de; MORAES, V.; BARBOSA, G. C. O uso de plantas medicinais na atenção primária à saúde: revisão integrativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, p. 677-686, 2022.

PEREIRA, D. P.; SILVA, A. I. B.; NUNES, L. E.; FILHO, G. F. S.; RIBEIRO, L. H.F. Potencial biotecnológico da aroeira vermelha (*Schinus terebinthifolius* Raddi): uma revisão narrativa. **Revista Saúde e Meio Ambiente**, v. 13, n. 01, p. 25-37, 7 nov. 2021.

RODRIGUES, W. Competitividade e mudança institucional na cadeia produtiva de plantas medicinais no Brasil. **Interações**, v. 17, n. 2, p. 267-277, 2016.

SANTANA, M. D. O.; SÁ, J. S.; NEVES, A. F.; FIGUEREDO, P. G. J.; VIANA, J. A. O poder das plantas medicinais: uma análise histórica e contemporânea sobre a fitoterapia na visão de idosas. **Multidebates**, v. 2, n. 2, p. 10-27, 14 out. 2018.

SANTOS, C. T. C.; AZEVEDO, M. M. R.; SILVA, C. B.; ROCHA, T. J. M.; SANTOS, A. F. dos; PIRES, L. L. S. Comparação da atividade entre óleos essenciais de frutos verdes e maduros de *Schinus terebinthifolius* Raddi sobre isolados de *Acinetobacter baumannii* multirresistentes. **Diversitas Journal**, v. 4, n. 1, p. 285-291, 2019.

SCHIAVO, M.; GELATTI, G. T.; OLIVEIRA, K. R.; BANDEIRA, V. A. C.; COLET, C. F. Conhecimento sobre plantas medicinais por mulheres em processo de envelhecimento. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**, v. 38, n. 1, p. 45-60, 2017.

SPINDOLA, T.; ARAÚJO, A. S. B.; OLIVEIRA, C. S. R.; MARINHO, D. F. S.; WOODTLI, R. R.; FARIA, T. T. Uso de preservativo por estudantes universitárias e a prevenção de infecções sexualmente trans-

missíveis. In: SOMBRA, I. C. N. *Enfermagem Moderna: Bases de Rigor Técnico e Científico* 4. 1. ed. [S. l.]: Atena Editora, 2019. DOI

SZERWIESKI, L. L. D.; CORTEZ, D. A. G.; BENNEMANN, R. M.; SILVA, E. S.; CORTEZ, L. E. R. Uso de plantas medicinais por idosos da atenção primária. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v.19, p.1-11, 2017.

Andréia de Melo Mendonça

Discente de Enfermagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Nathanael de Souza Maciel

Enfermeiro. Mestrando em Saúde Coletiva na Universidade Estadual do Ceará.

Valdenia de Melo Mendonça

Enfermeira da Prefeitura Municipal de Guaramiranga.

Naara Ingrid da Silva Sales

Discente de Enfermagem da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Antônio Wendel Nogueira Oliveira

Mestre em Enfermagem. Enfermeiro do Hospital Universitário da Universidade Federal de São Carlos.

Anne Fayma Lopes Chaves

Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Leilane Barbosa de Sousa

Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.
